

REVISTA ELETRÔNICA DO INSTITUTO DE HUMANIDADES
ISSN 1678-3182

VOLUME V

NÚMERO XX

JAN - MAR 2007

Um percurso para a pesquisa com narrativas orais no norte de Minas Gerais

Kátia Costa dos SANTOSⁱ

Vanessa Leite Barreto QUINTINOⁱⁱ

Milka de Almeida SANTOSⁱⁱⁱ

Resumo: Neste artigo, propomo-nos a discutir algumas peculiaridades de uma pesquisa em curso com narrativas orais oriundas do norte de Minas Gerais e do Vale do Jequitinhonha, a partir de uma abordagem metodológica que possibilite a compreensão, através de seus mitos, ritos e elementos constitutivos, dos processos histórico-sociais nelas inseridos, e assim, a partir de sua produção memorialística, de seus sistemas de representação e construção identitária. A discussão busca compreender as contribuições dos Estudos Culturais não só para com a reconstrução da subjetividade no espaço cultural, mas também para a percepção de outros eixos importantes como a globalização, os processos migratórios, a cultura como prática social e suas repercussões sobre o processo de construção e ressignificação das identidades regionais.

Palavras-chave: narrativa oral; memória; identidade

A way for the research with oral narratives in the north of Minas Gerais

Abstract: In this article we propose to discuss some peculiarities of a research in course with oral narratives produced in the north of Minas Gerais and Vale do Jequitinhonha, starting from a methodological approach that enables the comprehension, through their myths, rites and constituent elements, of the historical-social processes presented in those narratives. Also, enables the comprehension of their systems of representation and identity construction, by means of their memorialistic production. The discussion aims at comprehending the contributions of the Cultural Studies not only for the reconstruction of the subjectivity in the cultural space, but also for the perception of other important axes, such as globalization, migratory processes, culture as social practice and its repercussions on the construction and ressignification of regional identities.

Keywords: Oral narrative; memory; identity

Introdução

Desde os primórdios, o homem, que é um ser social, percebeu que a comunicação era um mecanismo indispensável para a sobrevivência da espécie. A necessidade de repassar experiências, sendo elas bem sucedidas ou não, foi de vital importância para a perpetuação da raça humana, e esta é uma das habilidades que diferencia o homem das demais espécies animais.

A fala foi, por muito tempo, a principal ferramenta de comunicação humana; portanto a literatura oral acompanha a história da evolução do homem. Durante muito tempo o contador de histórias teve seu lugar garantido na sociedade. Era figura de destaque, sendo reconhecido e respeitado por todos. Entretanto, com o advento da escrita e, mais tarde, das orientações positivistas diante da pesquisa e da aquisição de conhecimentos, a literatura oral perdeu sua força e prestígio e dessa forma o contador de histórias também perdeu o seu espaço. Mas as transformações nas diversas áreas das ciências sociais, intensificadas na segunda metade do século passado, têm cooperado para com a reestruturação do *status* da história oral.

As narrativas orais, além de contarem a história de um povo, desempenham um importante papel social. É através destas narrativas que o contador de histórias, esquecido pelos tempos modernos, resgata a sua função social. Analisando os “causos” contados pelos habitantes do norte de Minas e do vale do Jequitinhonha^{iv}, percebe-se que os contadores de “causos” são pessoas humildes, com baixo nível de escolaridade; em muitos casos, idosos.

Através do perfil dos narradores, nota-se que essas pessoas fazem parte de uma camada social que, infelizmente, é excluída simplesmente por ser o que é. Principalmente no caso do idoso pobre e analfabeto. Toda a sabedoria adquirida através de anos de experiência é ignorada e massacrada, e o velho “é condenado a uma senilidade prematura” (CHAUÍ, 1979 apud BOSI, 2004, p. 17-33).

Essas questões, ignoradas pela sociedade por um bom tempo, por fim tomaram forma e começaram a ser levantadas pelos estudiosos sociais. O valor da história/literatura oral, o reflexo de um povo nesta literatura, o papel social dos contadores de “causos” são reflexões importantes a serem feitas, são respostas que a sociedade necessita para se conhecer melhor.

1. O *status* da história oral

O campo da história oral, hoje, ainda precisa ser entendido sob a perspectiva de uma área recente de estudos, que somente na década de 90 começou a receber um dimensionamento mais amplo, tanto em quantidade de pesquisas produzidas quanto em discussões teóricas.

A própria denominação deste campo “história oral” já suscita discussões, como nos adverte FERREIRA & AMADO (2000, p.XI): *oral* que adjetiva a história - caracteriza as pesquisas históricas com fontes orais que eram assim denominadas pelos seus praticantes para diferenciar das outras metodologias e para afirmar seu caráter histórico; *oral* que adjetiva a fonte - caracteriza as narrativas cuja fonte é o relato, seja ele biográfico ou autobiográfico).

Tal ambigüidade tem permeado as discussões a respeito do status da história oral no âmbito epistemológico, as quais têm convergido para três linhas principais: a história oral vista como *técnica*, *disciplina* e *metodologia*. Aqueles que defendem ser a história oral uma *técnica* supõem que seja um conjunto de procedimentos técnicos utilizados na constituição e conservação de acervos orais. Os que defendem ser uma *disciplina* reconhecem-na como um novo campo do conhecimento, constituído de técnicas e metodologias específicas de pesquisa e um conjunto próprio de conceitos que lhe conferem uma unidade. Finalmente, os defensores da história oral como *metodologia*, embora reconheçam que esta seja uma área de estudos com objeto próprio, percebem que ela não tem a capacidade de gerar no seu interior soluções teóricas para as questões surgidas na prática. Esta questão é defendida por FERREIRA & AMADO (2000, p. XII), ao explicar que “a história oral é capaz apenas de suscitar, jamais de solucionar, questões; formula as perguntas, porém não pode oferecer as respostas”. As autoras seguem explicando algumas conseqüências práticas ao considerarmos esta linha, quais sejam, pesquisas em que as questões exclusivas da teoria não são abordadas, ou as respostas a tais questões são buscadas no âmbito exclusivo da história oral.

Tal discussão é relevante porque nos auxilia a estabelecer parâmetros para a definição do que seja a história oral, dos seus usos e das direções delineadoras das pesquisas e estudos nessa área. Portanto, entendemos que a história oral precisa ser compreendida como uma metodologia no sentido mais amplo; um espaço de contato e influência interdisciplinares, sociais, em escalas e níveis locais e regionais; com ênfase nos eventos que permitem, através da oralidade, oferecer interpretações qualitativas de

processos histórico-sociais. É um ponto de contato e intercâmbio entre a história e as demais ciências sociais.

2. História oral e memória

Os primeiros estudos sobre memória, ao defender e usar a história oral como apenas mais uma fonte histórica para descobrir “os fatos concretos”, deixaram de levar em conta outros aspectos e valores do depoimento oral, ou seja, deixaram de considerar as razões que levaram o indivíduo a construir suas memórias de determinada maneira. Assim, não perceberam como o processo de lembrar poderia ser um instrumento para explorar os significados subjetivos da experiência vivida e a natureza da memória individual e coletiva. Como nos diz THOMSON (1994 apud FERREIRA & AMADO, 2000, p. 65), “as distorções da memória podiam ser um recurso, além de um problema”.

Nos últimos anos, os historiadores orais têm buscado explorar, além do conteúdo das memórias, a natureza e os processos de rememoração, buscando explorar as relações entre reminiscências individuais e coletivas, entre memória e identidade. Nesta busca, cabe salientar, para os propósitos deste artigo, a relação intrínseca entre a história oral e a memória coletiva, como uma dimensão da cultura, dotada de uma historicidade que tem sido pesquisada por historiadores orais muito antes de a teoria pós-moderna trazer essa questão para o primeiro plano nos diversos campos do conhecimento.

A memória é, portanto, uma reconstrução psíquica e intelectual, uma representação de um passado, como sugeriu HALBWACHS (1990, p.128), coletivo. Busca assegurar a continuidade do tempo e resistir à alteridade, às rupturas. É um instrumento constituidor da identidade, da percepção de si e dos outros. Se por um lado, concordamos sobre o caráter coletivo de toda memória individual, não podemos com isso afirmar que exista uma representação do passado que seja compartilhada e aceita por toda uma coletividade. FAVRET-SAADA (1991 apud FERREIRA & AMADO, 2000, p. 95) acentua ser a pesquisa sobre a história de tais representações/manifestações o objetivo de toda história da memória.

Diante de tais considerações, podemos nos perguntar: qual a relevância da memória coletiva para o delineamento de nossas pesquisas com narrativas orais? Talvez as discussões de PORTELLI (1995 apud FERREIRA & AMADO, 2000, p. xix) sobre o conceito de memória dividida nos ajude a compreender melhor alguns pontos de contato entre essas construções e a constituição de nossas culturas e tradições. Segundo o autor, a memória coletiva é gerada de forma individualizada, entretanto, longe de ser

espontânea, ela é mediatizada por ideologias, linguagens, senso comum e instituições; a pressão para não esquecer, na verdade, preserva as lembranças de determinado grupo. E ainda, o autor detecta o mito, o folclore e as instituições como alguns dos instrumentos de geração da memória coletiva. Sendo assim, pesquisar sobre as narrativas orais do norte-mineiro é buscar compreender o percurso de seus mitos, ritos e elementos constitutivos como instrumentais na reconstrução das identidades de seus sujeitos, através dos processos de representação do passado nelas delineados.

3. História, memória e identidade

A partir da década de 60 começou-se a entender a construção da realidade sob uma nova perspectiva, em que os indivíduos constroem suas identidades em um processo resultante das interações mantidas por esses indivíduos no âmbito da compreensão de si próprios e de suas intervenções na realidade.

Assim, concebemos hoje a identidade como um processo contínuo de transformação, até mesmo de metamorfose, no qual estão envolvidas todas as especificidades do ser humano: biológicas, psicológicas e sociais. O indivíduo, ainda, observa papéis, assume ou nega-os, e obtém a confirmação do seu exercício através do outro, agindo de forma original, autônoma e diferente dos modelos. É assim que ocorrem as transformações/constituições da identidade individual: através das diferenças, da alteridade, do hibridismo. O indiano Homi Bhabha tornou-se um dos maiores divulgadores do conceito de hibridismo na atualidade e, segundo ele, hibridismo

Não é simplesmente apropriação ou adaptação; é um processo através do qual se demanda das culturas uma revisão de seus próprios sistemas de referência, normas e valores, pelo distanciamento de suas regras habituais ou “inerentes” de transformação. Ambivalência e antagonismo acompanham cada ato de tradução cultural, pois o negociar com a “diferença do outro” revela uma insuficiência radical de nossos próprios sistemas de significado e significação (BHABHA, apud HALL, 2003, p. 74-75).

Ao tratar das questões em torno da subjetividade e das identidades, em particular a ressignificação do sujeito, desenvolvidas pelos Estudos Culturais Pós-coloniais, Santos (2002) explica que o hibridismo no cenário do poder colonial é, segundo BHABHA (1998, p. 162), “o traço do que é recusado, mas não reprimido, e sim repetido como algo *diferente* – uma mutação. Essa força perturba a visibilidade da presença colonial e torna problemático o reconhecimento de sua autoridade”.

As questões históricas também fazem parte dessa constituição identitária, especialmente quando o indivíduo rememora sua própria história. Observamos uma importante reciprocidade entre identidade e memória. O sentido de continuidade e permanência presente em um indivíduo ou grupo social ao longo do tempo depende tanto do que é lembrado, quanto o que é lembrado depende da identidade de quem lembra. Entretanto, os esquecimentos fazem parte desse processo, juntamente com as lembranças. KENSKI (1995, p.137-159) afirma que, freqüentemente, os motivos tanto das lembranças quanto dos esquecimentos são emocionais. A mesma autora (1987, p.101-114) acrescenta que muitos fatores concorrem para essa seleção. Em alguns casos, o narrador constrói uma versão do passado de acordo com as necessidades do presente, em outros o sujeito busca construir uma identidade pessoal que nem sempre é a mesma que ele possuía no passado, e sem consciência desse fato ele alterna situações reais e imaginárias. Isso justifica a perspectiva de identidade enquanto metamorfose, partilhada por KENSKI (1987,1995), ao abordar as questões da memória, pois reconhece as transformações vividas pelo indivíduo ao longo do tempo.

Para HALBWACHS (1990), a memória individual pode, quer para confirmar algumas de suas lembranças, quer para precisá-las, ou mesmo para cobrir algumas de suas lacunas, apoiar-se na memória coletiva, deslocar-se nela, confundir-se momentaneamente com ela, mas nem por isso deixa de seguir seu próprio caminho.

Poderíamos dizer que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, e variações nesse ponto de vista podem ocorrer dependendo do lugar que o indivíduo ocupa no tecido social. Por isso, QUEIROZ (1987, p. 272-286) nos recorda que a memória depende do contexto social. Segundo KENSKI (op. cit.), quando isso acontece, as pessoas aproveitam para passar a limpo o passado e construir um todo coerente, onde se mesclam situações reais e imaginárias, auxiliando na construção, com conotação de verdade, da identidade.

De acordo com FROTA (1982, p. 205-209), o depoimento solicitado muito tempo após o acontecido pode sofrer variações ou imprecisões em função do que os depoentes consideram aceitável no momento do depoimento. As convicções podem ter mudado, bem como as crenças, o estilo de vida, o envolvimento pessoal e emocional com o fato ou situação vivida. Além disso, alguns fatos marcam mais para alguns que para outros. A importância dada a tal fato ou evento no passado leva à lembrança ou ao esquecimento do mesmo. O esquecimento como fruto do “desapego” é citado por HALBWACHS (1990). Segundo ele, quando o indivíduo se desliga do grupo a que pertencia, as lembranças deixam de fazer sentido por não serem mais alimentadas dentro do coletivo.

HALBWACHS (op. cit.) complementa a explicação afirmando que “desde que se mantiveram afastados, nenhum deles pode reproduzir o conteúdo do antigo pensamento”. O fato de os componentes de um mesmo grupo manter ligações entre si permite o exercício permanente de uma memória construída e reconstruída coletivamente.

Ainda sobre as razões do esquecimento, a pesquisadora GOLDFARB (2004) afirma que a memória existe porque existe o esquecimento. Se não tivéssemos a capacidade de esquecer, ter memória não faria o menor sentido, pois não precisaríamos dela. Assim, a memória está envolvida na interseção entre história e identidade. Ela torna-se um recurso fundamental para a apreensão da identidade/história.

Sob esse aspecto, a memória deve ser vista como um intermediário cultural. As testemunhas do fato histórico são de uma riqueza insubstituível, como afirma BOSI (2003, p.73); é fecunda quando exerce essa função entre gerações. O exemplo retirado das narrativas orais do norte de Minas e do Vale do Jequitinhonha reforça a natureza rica e detalhista da memória oral. Onde está registrado em uma narrativa escrita “...*Chegou então um pistoleiro de Joáima-MG, chamado Uraci, que desafiou o fazendeiro (...) Começou então a pescaria pegando-se muitos peixes. A todo momento ouvia-se três batidas, como se fosse um ferreiro batendo os ferros e pondo para esfriar...*” pode-se obter oralmente de algum morador da região o seguinte depoimento sobre o fato “... *Chegou então um pistoleiro de Joáima-MG, chamado Senhor Uraci, vulgo Sr. Dê, que desafiou o fazendeiro (...) Começou então a pescaria; e pega peixes daqui e pega dali. Volta e meia ouvia-se três batidas, como se fosse um ferreiro batendo os ferros e pondo para esfriar:tup...tup...tup..., chiui...” (O lago mal assombrado/ Joáima).*

A rememoração oral (narrativas, causos), juntamente com os mitos, ritos e o artesanato são fortemente percebidas nas cidades do interior, em especial no Vale do São Francisco, região norte-mineira, onde a tradição oral é recriada e transmitida cotidianamente. Nesse narrar, contadores e contadoras de “causos” incorporam e reproduzem aspectos da memória do grupo. Essa memória desenvolve-se a partir das relações com o meio ambiente (o rio São Francisco), com a história local, com o trabalho cotidiano (artesanato), fazendo com que suas narrativas manifestem-se não apenas no imaginário da população, mas também através do corpo e da voz destes contadores.

Dentre as várias manifestações culturais, a narração de “causos” parece ser a manifestação comunicativa de maior abrangência na região ribeirinha. É direta e democrática, visto que todos podem participar como ouvinte ou narrador, possibilitando a intervenção de todos os presentes na “roda” de “causos”.

Essas narrativas podem sofrer variações em seus conteúdos, devido às lembranças e/ou esquecimentos, mas é importante ressaltar que as mesmas estão inseridas em um processo dinâmico, onde a estrutura se mantém, mas seu significado passa a adquirir novas conotações. Para COLOMBRES (1998), o relato oral está sempre se transformando, o que lhe permite ser não só tradição, mas reconstrução de valores à sociedade. Em algumas narrativas estudadas pudemos observar, por exemplo, funções vinculadas à lição de vida, ensinamento, arrependimento por ter feito algo errado, como em “O tiro que saiu pela culatra”; ou medo, mistério, culto à religiosidade, como encontramos em “O homem da machadinha”, “O lago mal assombrado”. Tais funções são manifestações das representações impostas e transmitidas entre gerações, que nos possibilitam compreender as vozes e construções identitárias tantas vezes silenciadas desse espaço híbrido-cultural.

Considerações finais

A análise dos processos de construção dos sistemas de representação em narrativas orais da região norte de Minas, a partir de sua escritura memorialística, busca compreender tais sistemas como imbricados em uma estrutura construtora/produzora de significados, em um espaço de lutas onde a diferença é constituída, as vozes são segregadas e as identidades são formatadas/silenciadas.

Tal perspectiva tem ampliado nossos horizontes sobre como significamos o mundo social que nos rodeia, nossas subjetividades, gerando novas formas de espaço cultural e reestruturando as experiências/concepções do tempo. Ainda, requer uma compreensão dos construtos que permeiam tal condição, quais sejam, a crítica ao conhecimento absoluto (não-histórico), a qualquer representação segura da realidade, ao mito da autonomia, ao sujeito transcendente, a busca por uma desconstrução constante das “metanarrativas de verdade ocidentais e do etnocentrismo que lhe é implícito” (KINCHELOE & MCLAREN, 2000: 293).

As “vozes” das margens, expressas através dessas narrativas, se constituem em um espaço híbrido cultural, marcado por estratégias de recuperação identitária que buscam visualização nas vozes dos barranqueiros e em suas memórias. Como nos diz SOUTO (2004, p. 22), “a produção memorialística daquele povo encontra-se impregnada de um sentimento de barranqueirismo, (...) uma visão que se construiu das práticas cotidianas dos barranqueiros, que se apóiam em um imaginário tecido do povo ribeirinho ...”.

A pesquisa de tais manifestações culturais constitui-se em um espaço possível de ressignificação das identidades regionais do norte-mineiro enquanto movimento de reconstrução multicultural (SANTOS, 2002, p. 125), que abriga: uma postura de desconstrução social, reconhecendo os conflitos mais amplos que envolvem “a forma como o poder (...) constrói a experiência coletiva em prol dos interesses da cultura dominante, do patriarcado, do elitismo classista e de outras forças dominantes” (KINCHELOE & STEINBERG, 1997, p. 23-27). E ainda, uma postura de ação, no sentido de dar visibilidade e reinscrever essas manifestações em nossas academias e espaços culturais, como estratégia de desafiar a discriminação à diferença e à cultura dita “das margens”.

Referências bibliográficas

- BHABHA, H. K. (1998). *O local da cultura*. Myrian Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Golçalves (trads.). Belo Horizonte: UFMG
- BOSI, E. (2003) *O Tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social*. RJ: Ed. Paz e terra.
- BOSI, E. (2004). *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. SP: Editora Schwarcz Ltda.
- COLOMBRES, A. (1998). Oralidad y literatura oral. In: *Oralidad - lenguas, identidad y memoria de America*, La Habana, n. 9.
- FERREIRA, M. M. & AMADO, J. (2000). *Usos e abusos da história oral*. 3ª. ed. RJ: Editora FGV.
- FROTA, L. S. (1982). *A Documentação oral e a temática da Seca*. Brasília: Centro Gráfico Senado Federal.
- GOLDFARB, D.C. (2004). ComCiência-Revista eletrônica de jornalismo científico, 10/03/2004. <http://www.comciencia.br/entrevista/memoria/delia.htm>.
- HALBWACHS, M. (1990). *A Memória Coletiva*, [traduzido do original francês La Mémoire Collective - Presses Universitaires de France, Paris, França, 1968] São Paulo: Edições Vértices, Editora Revista dos Tribunais LTDA.
- HALL, S. (2003). A questão multicultural. In: *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Tradução de Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: UFMG.
- KENSKI, V. M. (1995). Sobre o conceito de memória. In: Fazenda, I. (org.) *A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento*. Campinas: Papyrus.

- KENSKI, V.M. (1987). *Memória e prática docente*. In: Meneses, A.B., et al. (orgs.). *As faces da memória*. Campinas: Centro de memória Unicamp.
- KINCHELOE, J. L., MCLAREN, P. (2000). Rethinking critical theory and qualitative research. In: DENZIN, N. K. & LINCOLN, Y. S (eds.). *Handbook of qualitative research*. (2nd ed.). California: Sage publications, Inc.
- KINCHELOE, J.L., STEINBERG, S.R. (1997). *Changing multiculturalism*. Buckingham: Open University Press.
- QUEIROZ, M.I.P. (1987). Relatos orais: do indizível” ao “dizível”. *Ciência e Cultura*, 39(3), 272-286.
- SANTOS, K. C. (2002). *Construção multicultural: reflexões sobre políticas alternativas para o ensino de Língua estrangeira*. Tese (Doutorado em Letras). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações:
<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-28042003-160345/>
- SOUTO, G. (2004). *Eu nunca vi não... só vejo fala: mitos e ritos da narrativa oral nas barrancas do São Francisco*. RJ: Ecclesiarte Editora.
- SOUTO, G. F. (2004). *Banco de dados: Narrativas orais do Vale do Jequitinhonha e do norte de Minas. Minas Gerais*. Universidade Estadual de Montes Claros-Unimontes. Centro de Ciências Humanas. Depto. De Comunicação e Letras.

ⁱ Professora Doutora do Curso de Letras - Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES
katiasantos10@terra.com.br

ⁱⁱ Professora do Curso de Letras - Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES

ⁱⁱⁱ Acadêmica do Curso de Letras/6 período - Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES

^{iv} Fonte: acervo de narrativas orais, constituído pela Profa. Dra. Maria Generosa Ferreira Souto, da Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes, ao longo dos últimos cinco anos de pesquisa com culturas orais na região norte-mineira. Tal acervo é objeto de análise de uma pesquisa desenvolvida pelas autoras deste artigo, que tem como objetivo discutir as representações identitárias de tais narrativas.